

A inculturação do Evangelho e o diálogo inter-religioso

~~Eu, um Yanomami, dou a vocês, os brancos, esta pele de imagem que é minha.~~ yanomami yane ipa
utupayasiki hyptai kahonapewamak_{ha} 1

Aloir Pacini S.J.²

Abril de 2023

Começo trazendo aqui um fragmento de um livro que foi escrito por uma das lideranças indígenas mais proeminentes da atualidade para refletir adiante a respeito do processo de conquista da habilidade da escrita e da matemática ocidental, às quais os indígenas se dedicam para poderem se defender do ocidente colonizador. A experiência de trabalho com as populações indígenas aporta algo para pensar “**La interculturalidad en la educación jesuita**”. Falo aqui como Conselheiro na Educação Indígena no Mato Grosso e como membro da Comissão do Proyecto Educativo Común da CPAL que possui desejos de trabalhos interdisciplinares e multiculturais para oferecer uma educação escolar inculturadas nas realidades locais e inseridas no mundo digital atual, um campo antropologicamente denso. Fui educado numa comunidade cristã acompanhada pelos jesuítas e depois também em toda a formação fui acompanhado de perto na *Ratio Studiorum*, um método de ensino-aprendizado criado por Inácio de Loyola sustentado pelos Exercícios Espirituais que permitiram superar grandes lacunas de minha vida e fazer-me perseverar no Caminho.

A minha inculturação enquanto caminhada junto aos povos indígenas e, por suposto, também a inculturação do Evangelho que carrego comigo enquanto cosmovisão ocidental me aproxima do outro para iniciarmos um diálogo que em geral descamba para o inter-religioso, dada a minha identidade jesuíta e dos indígenas que apreciam deveras uma conversação a respeito das coisas espirituais, em geral aportando iluminações valiosas para a busca do *bem viver*.

Assim, observo com alegria os significados profundos alcançados em cada pessoa que representa uma camada das populações de poucas condições econômicas como os povos indígenas de chegarem a galgar lugares de grande influência na sua sociedade e para fora dela, nas Universidades, no sentido de garantir seus direitos enquanto minorias, pelo

¹ “Eu, um Yanomami, dou a vocês, os brancos, esta pele de imagem que é minha.” (Kopenawa, 2015: p. 66).

² Antropólogo e jesuíta que atua na Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) e con os povos indígenas, mais intensamente no Mato Grosso. Artigo publicado no Boletim de Abril de 2023 do Centro Virtual de Pedagogia Inaciana (CVPI), da Conferência de Provinciais da América Latina e Caribe (CPAL) da Companhia de Jesus.

poder de argumentação, mas principalmente pela autoridade alcançada pela coerência de vida. Com esses fundamentos solidários, conheço mais no passado a importância do apostolado educativo da Companhia de Jesus que se mostrou impressionante nas Missões Guaranis, de Chiquitos e Mojos por exemplo, e também nos lugares em que percebo os jesuítas e parceiros atuando decisivamente na América Latina, com Fé e Alegria, com Colégios e Universidades, contudo aguardando ainda mais ousadia.

A experiência de aprendizado com as religiões/culturas de raízes indígenas mostra uma gama infinita de processos educativos que podem ser adaptados para nossos processos de educação escolar porque sempre centrados no estudante que quer aprender, e para isso aporta o que possui de energias e esforços para alcançar lugares mais adiante dos costumes porque cheio de motivação para superar-se.

A educação personalizada parece estar no âmago dessas possibilidades de responder com mais precisão aos apelos do tempo presente. Os novos paradigmas educativos dos povos indígenas podem ser assumidos por nós com grande liberdade porque implicam espaços privilegiados de dinâmicas educativas que tradicionalmente deram certos para manterem essas etnias na história, apesar de todos os processos de colonização que não foram de pouca monta.

Aqui no Brasil os internatos que as Congregações religiosas mantinham foram superados com a criação do Conselho Indigenista Missionário (CIMI) que completa 50 anos, e redirecionou as ações fundamentais de saúde e educação diferenciada e específica para os povos indígenas com uma gestão deles mesmos. Isso exige um trabalho paciente de apropriação dos mecanismos da sociedade envolvente que merece dedicação dos próprios indígenas e dos aliados.

Por exemplo, a Rede de Educação Intercultural Bilíngue Amazônica (Reiba) reúne pessoas consagradas para pensar e agir de forma intercongregacional em prol da educação indígena na região amazônica por meio de trabalho voluntário, uma iniciativa em resposta ao Sínodo para a Amazônia (2019). A articulação dessas propostas educativas possui a intenção de responder às necessidades das comunidades indígenas no serviço de educação escolar nas séries iniciais, primárias e secundárias – respeitando, valorizando e integrando a identidade cultural de cada etnia e língua falada. Isso já mostra que logo mais as escolas serão geridas pela comunidade na qual está inserida e os professores serão brevemente indígenas. O Padre Pablo Mora, SJ, que coordena essa iniciativa sabe que os voluntários serão os maiores beneficiados dessa experiência missionária com os povos indígenas, contudo, os povos indígenas também precisam saber que nossa sociedade não quer somente tomar seus territórios, tirar as riquezas deles ou mesmo escravizar seus corpos. Saber que existem aliados na sociedade envolvente é um benefício interminável para superarmos tempos de colonização.

Fiando alguns destes fios nesta rede ou pintando alguns traços nesta trama da interculturalidade que é inter-religiosa

O conceito *cultura* é usado com acepções múltiplas na atualidade, desde a mais simples e abstrata até a mais complexa e abrangente. O mesmo ocorre com o termo *identidade*, sobretudo quando é levado ao plano cultural e étnico. Para discutir a respeito da cultura na luta dos povos indígenas, penso que é possível abordá-lo como contra-cultura sob a ótica da des-colonização. Para isso, tomo como referência o pensamento de Alfredo Bosi (1996) e Roque de Barros Laraia (1992) através dos quais tomo o conceito *cultura* empregado para designar as relações do ser humano com a sociedade atual. Alfredo Bosi persegue com sensibilidade as formas históricas que entrelaçaram a colonização no Brasil de forma dialética, um percurso *sui generis* na história do pensamento brasileiro com o qual quero compreender a formação da maioria dos municípios em territórios indígenas, por exemplo, sugando os últimos redutos de índios no Brasil.

Bosi usa o latim *colo* (na língua de Roma) que significa “eu moro, eu ocupo a terra, eu trabalho, eu cultivo o campo” (1996: 11). Somos na maioria *paus rodados*³ aqui em Cuiabá: “o deslocamento que os agentes sociais fazem do seu mundo de vida para outro onde irão exercer a capacidade de lavrar ou fazer o solo alheio. O íncola que emigra torna-se colonus”, embora tivéssemos pouco a oferecer às sociedades indígenas em termos culturais, artísticos, sociais e humanos, uma vez que o conhecimento acumulado que trazemos já veio a serviço da exploração, entretanto, sempre a “colonização dá um ar de recomeço e de arranque a culturas seculares” (Bosi, 1996: 12).

As correntes migratórias no processo cultural do Estado de Mato Grosso porque aqui temos um corredor entre duas bacias hidrográficas, o que deixa apática a sociedade em geral porque é híbrida e, portanto, dilui-se, evitando ser atacada em suas bases racistas. Por isso

[...] a colonização não pode ser tratada como uma simples corrente migratória: ela é a resolução de carência e conflitos da matriz e uma tentativa de retomar, sob novas condições, o domínio sobre a natureza e o semelhante que tem acompanhado universalmente o chamado processo civilizatório (Bosi, 1996: 13).

A colonização diz respeito ao processo pelo qual o conquistador ocupa e explora novas terras e domina os seus elementos naturais, também os seres humanos que brotam da natureza, ocupa a terra e a cultiva (*colo - colonus*) segundo sua cultura própria. Este reflexo ampliado e contraditório no processo colonizador pode ser recuperado em longos traços sob o aspecto cultural, econômico, social, político pela forma como se deu o cultivo das migrações e do povoamento do Mato Grosso, por paulistas, paranaenses, gaúchos,

³ Expressão cuiabana que diz respeito aos emigrados que vieram de outros lugares.

nordestinos, japoneses, judeus, árabes e outros que aqui implantaram suas *colônias*: “A colonização é um projeto totalizante cujas forças motrizes poderão sempre buscar-se no nível do colo: ocupar um novo chão, explorar os seus bens, submeter os seus naturais.” (Bosi, 1996: 15).

O colonizador olha o nativo como sujeito incapaz de promover as mudanças que ele supostamente faria se no seu lugar estivesse. Da categoria gramatical *colo* Alfredo Bosi passou ao *cultus* nas duas acepções: o que foi trabalhado sobre a terra, o cultivado, e o culto próprio do sepultamento dos mortos. Para Bosi, *cultus* traz em si não só a ideia de cultivar a terra, mas dá a ela também a qualidade de cultivada pelo acúmulo de trabalho que nela já se realizou e mais: os corpos humanos sepultados fazem parte do *húmus* dessa terra, um aporte mais feminino ligado à terra-mãe.

Complexificando os conceitos, o culto remete à memória dos deuses e dos humanos, antepassados que foram vencedores e vencidos. Por isso *cultus* também remete à ideia de cultuar, celebrar, cultivar. Cultura então é *colo* enquanto trabalho de cultivo da terra e *culto* que dá sentido ao tempo, ordena para controlar o trabalhador através do produto de suas mãos, por isso nossa bandeira do Brasil tem escrito o mandato positivista: “ordem e progresso!”

Contudo, não podemos esquecer que as culturas são dinâmicas e exercem um poder modificador ou “desagregador” das instituições sociais estáveis. Por isso, agora podemos pensar as culturas como o conjunto das práticas, das técnicas dos símbolos e dos valores que se devem transmitir às novas gerações para garantir a reprodução de um estado de coexistência social. E a educação escolar que habilita para a escrita e a fazer contas, o que vocês, nós, todos estamos recebendo, é um momento institucional que marca decisivamente este processo.

Cultura é então o que preservamos de formato simbólico, como meio de perpetuar os valores através de gerações para uma coexistência social. “Cultura supõe uma consciência grupal operosa e operante que desentranha da vida presente os planos para o futuro” (Bosi, 1992: 16). A cultura seria então, não só a herança de valores, mas também o projeto de um convívio mais humano segundo o *bem viver*, pois cada conceito responde a uma dimensão temporal: o presente, o passado e o futuro.

Neste mesmo avalanche colonizador, quero puxar outro fio da meada que conheço melhor: os jesuítas se ocuparam em Missões junto aos indígenas logo que vieram para as Américas com grandes ideais como foram as Missões Guaranis, de Chiquitos, Mojos etc. e penso que foi um empreendimento cultural impressionante. Mesmo assim numa análise fria da situação, pacificaram-se os índios da região, o que facilitou a entrada dos colonizadores.

Aqui no Mato Grosso o cultivo da terra dominou a natureza e os “nativos”, e fez crescer um comércio de trabalhadores escravos (negros e índios). Assim a formação colonial do Mato Grosso ligou-se aos interesses econômicos de mercadores e grandes proprietários de terra desde a criação da Capitania de Mato Grosso pela Coroa portuguesa em 9 de maio de 1748. A estrutura política sempre tendeu a favorecer os grandes proprietários rurais e assim o exercício da cidadania fica limitado pelo Estado e pelas forças internas da sociedade dominada pelos grandes capitalistas.

Os fios que tecemos aqui fazem parte da conjuntura atual e produzem efeitos que custa vermos. Para Stuart Hall, a questão de “identidade na pós-modernidade tem sofrido alterações, as quais são vistas como a descentralização dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos” (Hall, 2005: 9). Sendo assim, percebe-se que a estrutura social baseada no centramento do sujeito, tal qual ocorria com o “sujeito iluminista”, que se mantinha fechado na sua redoma cultural não se aplica mais a este contexto. As ações realizadas nessa conjuntura pós-moderna levam-me a pensar que se dissiparam as culturas de classe pensadas por Marx. Gênero, etnia e nacionalidade servem como pontos de significação sócio-culturais mais concretos, mas “a identidade somente se torna uma questão quando está em crise, quando algo que se supõe como fixo, coerente e estável é destacado pela experiência da dúvida e da incerteza” (Kobena Mercer, *apud* Hall, 2005: 11). Assim o questionamento sobre os conceitos e a aplicação dos termos cultura e identidade, sem dúvida, tornou-se palco para calorosos e apaixonados debates acadêmicos, por tratar-se de temas difusos. Porém o povo em geral vive suas culturas mescladas e os povos indígenas retomam sempre os sinais diacríticos (Barth, 1969) de suas culturas para se manterem mais coesos.

Historicamente, as sociedades se compõem de sujeitos que se filiam linguística, ideológica e culturalmente. Tanto os nativos como os migrantes vivem contradições, pois convivem em espaços nos quais são livres e submissos ao mesmo tempo; submissos às suas tradições – colocando-as como superiores aos locais, bebendo coca-cola em vez de chicha ou chimarrão e tererê (mate) – e livres quanto às práticas como sendo inovações culturais enraizadas nas formas de *bem viver* tradicionais.

E agora quero amarrar outro fio desta rede de significados: quero ampliar o debate para o aspecto social e cultural das culturas indígenas e seus processos educativos autóctones, pois parece-me que os grupos étnicos na atualidade são mobilizadores de lutas sociais, talvez porque são as parcelas da humanidade mais ameaçadas na atualidade como lembrou o Papa Francisco. Quero dizer que a questão étnica consegue juntar os que a uma dada etnia se identificam mais que a questão do fato de ser trabalhador, pobre, ou morador de um bairro. Os indígenas pensam que para funcionar o mutirão (muxirum ou minga) precisa ter festa, comida e chicha abundante. Não se pode mobilizar as pessoas para

atividades somente com ideias de militância política ou interesse econômico. E insisto com este fio para dizer que nós seres humanos não somos tão diferentes assim! Talvez esse seja o caminho escolhido pela Cúpula dos povos, ou as grandes manifestações indígenas em Brasília.

E mais, precisamos incrementar melhor nossas aulas e encontros com elementos que olham para o ser humano como um todo, e não somente a militância política ou como dependente da economia mundial: precisamos de comida, festa, boas relações com as pessoas e o mundo que nos cerca, mas principalmente com muita arte em músicas e danças, rituais com tonalidades diversas para a diversão, a bebida e a comida. Para mim, a arte sempre é revolucionária, não nos deixa acomodados, movimenta quem a aprecia, seja ela música, teatro, dança, escultura, pintura, e mesmo as comidas e bebidas preparadas conforme as tradições culturais próprias de cada etnia. São estas possibilidades artísticas que se encontram tecidas pelos indígenas durante estes milhares de anos num tecido de lã de alpaca ou por um artista de rua com a caneta ou o pincel no corpo ou na pele de imagem (no papel).

Com a conquista das sociedades e das culturas que habitam o que hoje é a América Latina começou a formação de uma ordem mundial que culmina, 500 anos depois, em um poder global que articula todo o planeta no Sínodo para a Amazônia. Estes processos denunciam a brutal concentração dos recursos do mundo sob o controle e em benefício da reduzida minoria europeia e norte-americana da espécie e, especialmente, de suas classes dominantes.

Na América Latina, a repressão cultural e a colonização do imaginário foram acompanhadas de um massivo e gigantesco extermínio dos indígenas, principalmente por seu uso como mão-de-obra descartável, além da violência das doenças e da ocupação de seus territórios. A escala desse extermínio (se considera cerca de 35 milhões de habitantes em um período inferior a 50 anos) foi tão vasta que implicou não somente uma grande catástrofe demográfica, mas a destruição de muitas etnias, sociedades e culturas é real. A repressão cultural e o genocídio massivo levaram-nos a pensar que somos subculturas porque camponeses iletrados, e desvalorizamos nossos processos ricos de oralidade. Estaríamos despojados de padrões próprios de expressão formalizada e objetivada, intelectual, plástica e visual, mas nunca vencidos totalmente. Por isso assumimos como nossos muitos padrões culturais os dos dominantes, mas subvertendo-os em certos casos, para transmitir outras necessidades de expressão.

Parece que na África, a destruição cultural foi mais intensa que na Ásia por causa da pujança das culturas que lá existiam no período da expansão europeia, mas talvez menor do que nas Américas. A cultura europeia, e no seu enalço a norte-americana, faz questão de mostrar que as desigualdades percebidas são como se fossem da natureza, pois somente

a cultura europeia e norte-americana seriam verdadeiramente racionais. Neste contexto é que o processo educador nas escolas e universidades entra em vigor. Por isso, até os dias de hoje encontramos pessoas que possuem o conceito de cultura muito restrito, associado à ideia de um processo de cultura vinculado à Europa, por exemplo, ou seja, tem cultura quem passou pela escola, tem diploma de curso superior, participa de uma orquestra sinfônica, viaja para os Estados Unidos da América para fazer compras. Em consequência, a história passaria a ser concebida como um *continuum* evolutivo desde o primitivo ao civilizado; do tradicional ao moderno; do selvagem ao racional e a Europa se pensou a si mesma como o espelho de todas as demais sociedades e culturas, isso para conseguir impor pela colonização esse seu modo de pensar.

Mas não é assim que pensam os povos indígenas, cada um tem sua perspectiva e suas culturas diferentes fazem um mosaico cheio de criatividade como processos educativos em ebulição. As críticas ao paradigma europeu da racionalidade/modernidade se faz indispensável e urgente. E a descolonização epistemológica através da internet que democratiza os conhecimentos porque abre espaço para novas comunicações, trocas de experiências e de significações, como base de outras racionalidades aqui se apresentam e pretendem, com legitimidade, alguma universalidade.

Em tudo amar e servir

Central parece ser ainda hoje o altruísmo e idealismo das Missões jesuíticas⁴ no ideal de criar o Reino de Deus já aqui na terra e os indígenas reconhecem que isso tornou possível certo bem viver nos tempos de cristandade, mais afastados dos grandes centros urbanos da Colonização. O lema dos jesuítas, “tudo para a maior glória de Deus” encontra-se vinculado intrinsecamente com o positivismo pouco discernido, a *Ordem* para o Progresso: *Em tudo amar e servir!* Em tempos atrás, o trabalho com os indígenas abrangia regiões que eram colocadas na responsabilidade de uma Congregação como os jesuítas, os salesianos, os franciscanos, os verbitas, os consolatas⁵ etc.

Os governos faziam questão de delegar essa tarefa “humanitária” e muitos aceitavam o desafio de receber regiões missionárias para atuar quase em todas as áreas da vida social das populações locais, com escola, hospital, igreja etc. Cada uma era uma ilha e não se fecundavam no pensamento genuinamente evangélico e profético, serviam em geral

⁴ Assisti várias vezes a um teatro que estreou em 2010 na Diocese de San Ignacio de Loyola, um dos *Pueblos* da Missão de Chiquitos (Bolívia) e que foi mostrado quando organizamos Las XIV Jornadas Inteternacionales sobre Misiones Jesuíticas: memoria, patrimonio, cultura viva (7 a 10 de agosto de 2012).

⁵ Na década 1950 os missionários da Consolata vão ao encontro dos Yanomamis que os acolhem e passam a morar com eles. Em 1965 fundam a Missão Catrimani.

ao processo de colonização sem muito discernimento, conforme observação pertinente dos jesuítas que iniciaram o CIMI em 1972, Egydio Schwade e Antonio Iasi, por exemplo.⁶ Agora, com o CIMI, as Dioceses da Igreja Católica se colocam mais ou menos no lado de fora, pois atuam através de paróquias e dioceses, não como instituições totais, e auxiliam como instâncias críticas das formas como as coisas tendem a acontecer em relação aos povos indígenas que continuam como vítimas do processo colonizador que tem raízes profundas na nossa constituição como nação.

Todas as instituições humanas são limitadas, por isso o Reino de Deus é a inspiração do Espírito Santo para a criação da Igreja e também para o surgimento das Congregações Religiosas que desejam viver na simplicidade e transcender a *concupiscência* (Mt 5,28), talvez como instrumentos de Deus ao serviço da Justiça e da Paz nesta terra. Por causa da presença do próprio Deus em Jesus Cristo na nossa história, a misericórdia da Trindade Santa se faz mais presente no pequeno e no fraco rebanho para confundir os que se acham fortes, por isso recordamos sempre de novo que o Criador faz chover sobre bons e maus, ilumina com o sol e a lua os justos e injustos, isso com uma finalidade específica: reconhecer o Reino de Deus que germina como uma pequena semente cheia de potências contra nossas prepotências (Mc 4, 26-34).

A nossa adesão ao Reino dos Céus aqui na terra relativiza as religiões que perderam o rumo e se encheram de riquezas, normas e proibições. Pregaram inicialmente o Reino da *Liberdade* plena na cruz de Jesus, pois o mal dessa humanidade foi denunciado e vencido nesse instrumento de tortura e morte, mas também de Ressurreição. Ou seja, “O Reino de Deus está entre vós” (Lc 17,21) como chamado para a paciência de quem planta e espera o fruto amadurecer, ou seja, tal Reino é macroecumênico por natureza e nos leva a uma conversão ecológica integral porque toda a criação geme em dores de parto pela manifestação dos cristãos (Rm 8,22-24). Mas os poderosos desse mundo pensam que ficar ricos com o ouro e diamantes das terras indígenas pode trazer a felicidade. Talvez por isso asseguram seus roubos com calúnias e perseguem aqueles que lutam por vida digna para todos. Por isso importante é escutar o profeta pajé Davi Kopenawa que mostra seu altruísmo, porque não quer evitar somente a queda do céu que mata os Yanomamis, mas essa tragédia que acaba matando toda a humanidade:

Nossos pensamentos se expandem em todas as direções e nossas palavras são antigas e muitas. Elas vêm de nossos antepassados. Porém, não precisamos, como os brancos, de peles de imagens para impedi-las de fugir da nossa mente. Não temos de desenhá-las, como eles fazem com as suas. Nem por isso elas irão desaparecer,

⁶ Entre os dias 7 a 11/11/2022 aconteceram os festejos de 50 anos do CIMI de todo o Brasil no Centro de Formação Vicente Cañas (Brasília).

pois ficam gravadas dentro de nós. Por isso nossa memória é longa e forte.
(Kopenawa, 2015: p. 74)

Convém aqui refletir pedagogicamente a respeito do caos vivido pelos Yanomamis nos últimos anos, porque tratava-se visivelmente de um projeto de extermínio.⁷ Por isso, o governo do Brasil incentivou cerca de 20 mil garimpeiros invadir seu território o que levou ao colapso do sistema de saúde e educação que é obrigação constitucional. E apareciam mais e mais dados que eram publicados nesse início de ano para ficarmos mais indignados: o dinheiro público destinado aos Yanomamis era desviado para auxiliar os garimpeiros. Ou seja, a Missão Caiuá que recebeu 870 milhões em 2022⁸ contratava até os garimpeiros para poder entrar no território indígena, chegavam a aliciar os indígenas para aderirem ao garimpo e utilizavam as mulheres Yanomamis para se misturarem com eles para terem acesso às suas roças e também aos *serviços sexuais*, especialmente “as mais novinhas”.⁹ Em reportagens da jornalista Sônia Bridi e Talita Bedinelli tínhamos acesso aos dados que o governo passado queria esconder, por isso faz muita diferença quando o governo se engaja no combate ao garimpo ilegal e no cuidado da saúde e educação escolar de uma etnia. Mas

⁷ O que vemos intensamente na Terra Indígena Yanomami, acontece também no Mato Grosso com o auxílio do Deputado Federal José Medeiros e o Senador Wellington Fagundes, o governador e muitos prefeitos e se espalha por toda a América Latina.

⁸ A Missão Caiuá, ONG ligada à Igreja Presbiteriana com sede em Dourados, gerenciava em 2010 sete dos 34 distritos sanitários do Brasil. O número saltou para 17 no ano seguinte e o valor recebido passou de R\$ 36,5 milhões para R\$ 433,4 milhões em 2015. <https://www.campograndenews.com.br/cidades/interior/ong-de-ms-recebeu-r-872-milhoes-para-yanomamis>

⁹ Sônia Bridi, jornalista experiente na cobertura de crises humanitárias em outras partes do mundo, comentou na GloboNews sobre a crise humanitária vivida pelos indígenas Yanomami: “Nunca imaginei que fosse ver isso no meu país, e num período de paz”; “Não é só uma tragédia, é uma vergonha nacional difícil de mensurar”; afirmou que jamais pensou que fosse presenciar um drama tão grave no seu próprio país: “Eu já vi refugiados, eu já vi gente em conflito em vários países e a gente sabe que essas imagens de fome extrema, de fragilidade extrema, de abandono extremo, são muito fortes, são muito tristes, são muito pesadas. Eu nunca imaginei que fosse ver isso no meu país, e num período de paz. Dentro da Terra Yanomami esse ataque tem sido sistemático”; e mais: “A situação é tão dramática que uma família inteira é colocada dentro do helicóptero. Crianças com quatro anos e meio de idade, pesando sete quilos e meio”. Em 2021 já fizera uma reportagem para o Fantástico que denunciou a fome e a desnutrição causadas pelo garimpo ilegal e, na época, o STF determinou a desinvasão da área, mas nada foi feito pois o governo era favorável à invasão das Terras Indígenas. No Fantástico do dia 29/01/2023 indicou a situação como comparável aos campos de concentração nazista. Ver também Talita Bedinelli in <https://sumauma.com/> Porque os garimpeiros comem as vaginas das mulheres Yanomamis (13 de Set de 2022) <https://sumauma.com/por-que-os-garimpeiros-comem-as-vaginas-das-mulhere...> Na mesma data outra denúncia in <https://sumauma.com/nove-criancas-indigenas-morrem-sem-atendimento-por-doencas-facilmente-trataveis-afirma-hutukara-associao-yanomami/> Ao menos 21 ofícios públicos com pedido de ajuda foram ignorados pela gestão do ex-presidente. <https://congressoemfoco.uol.com.br/area/pais/bolsonaro-tentou-por-quatro-vezes-extinguir-a-reserva-yanomami/>

não nos enganemos, pois os problemas são resolvidos a longo prazo e com perseverança milenar, diriam os indígenas.

Se Jesus Cristo declara em alto e bom tom que feliz quem é perseguido por causa de seu engajamento na luta pela justiça, está suposto que toda a criação geme em dores de parto pela manifestação desses cristãos livres das idolatrias desse mundo (Rm 8,19-23). E mais: “Buscai em primeiro lugar o Reino de Deus e a sua justiça, e tudo o mais vos será dada por acréscimo” (Mt 6,33). Ou seja, o caminho da justiça do Reino é exigente, mas leva à santidade, pois trata-se de um programa de vida que abrange a vida toda, envolve as relações justas com os bens desta terra, com as pessoas, conosco mesmos e com Deus.

Assim, em nome do Reino dos Céus vamos aqui construindo pontes para a Ressurreição. Os sinais do Reino de Deus no serviço gratuito aos mais necessitados alegram nosso coração e nos enchem de uma liberdade própria dos que se consagram a Deus em Espírito e Verdade. Por isso, o Reino de Deus é o lugar próprio de pessoas consagradas que se comprometam até o martírio. A conversão para o Reino dos Céus provoca uma conversão integral, pois seu lugar definitivo de justiça e paz, relativiza os bens da terra para amar os bens celestes. Esse Reino que está além dos bens da terra é para todos, não excluiu ninguém, mas poucos são capazes de se encantar por ele, por isso Jesus Cristo o compara com o grão de mostarda, mas também ao fermento, não com a massa. A dinâmica transformadora do Reino não cabe nesse mundo, apesar de aqui encontrarmos seus sinais quando amamos de todo coração, com todo nosso corpo, com toda nossa mente e espírito ao Jesus pobre e humilde, como o Senhor do Reino do Pai eterno.

Escrevi junto com o estudante jesuíta Gabriel Vilardi que está em Roraima, num estágio que nomeamos de *magistério* junto aos Wapichana o artigo *A contribuição jesuíta para o nascimento do CIMI no Mato Grosso (2022)* que traça uma contribuição decisiva para a inculturação como processo de conversão dos missionários para dentro das aldeias indígenas, conceito trabalhado pelo iluminado Pedro Arrupe que veio em 1968 à Missão de Utiariti como *Padre Geral* e aprovou o fechamento do internato. Ato contínuo, enviou cada jesuíta para morar nas aldeias e submeterem-se aos costumes e tradições dos povos indígenas no norte de Mato Grosso. Nesse contexto é que surgiu o Conselho Indigenista Missionário com linhas claras de atuação na garantia do território dos povos indígenas, uma educação escolar específica e diferenciada e o atendimento à saúde que respeite as pajelanças e use dos meios que os próprios indígenas solicitarem. Sustentando essa iniciativa está a compreensão que a diversidade étnico-cultural é uma riqueza sem precedentes e fator de um processo de aprendizado mútuo, isso quando buscam conquistar a escrita e a leitura, tão necessárias para os diálogos nos tempos atuais. Este é o contexto da fala de Davi Kopenawa que fui escutar na UFRR e que transcrevo em parte para compreender a urgência do diálogos inter-culturais:

Ensinar seus filhos caminho limpo, aprender respeitar nossa mãe-terra, a floresta precisa nós, respeitado, em pé, vivo. Nós estamos defendendo nosso direito, tem pessoas que quer acabar com nós. **Precisa aprender olhar longe, árvore em pé... pele da terra!** Nós respeitamos nossa floresta. (Kopenawa, 10/11/2017, transcrição minha).

Conforme o texto divulgado pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), o “instinto” da fome faz os seres vivos buscarem a sobrevivência de muitas formas, e a eles é até compreensível a violência de uns comerem os outros. E observa que na sociedade humana, a fome é mais grave, trata-se de uma tragédia e um escândalo, pois nega o próprio Criador que nos deu consciência e o discernimento para o amor ao próximo. A fome e a insegurança alimentar são, na verdade, consequência do pecado da ganância e do individualismo reinantes, porque o ser humano possui inteligência suficiente para organizar as sociedades e para que não haja fome entre nós. Mas acontece o contrário: a sociedade se organiza para juntar grandes fortunas na mão de poucos, isso à custa da fome e da miséria da maioria. Por isso o chamado de Deus é para restabelecermos a fraternidade em vista de obediência ao novo mandamento de Jesus Cristo: *Amai-vos uns aos outros como eu vos amei!*¹⁰

Não consegue ficar feliz, nossa terra reconhecida pela autoridade federal, Brasil. Nosso rio Urariguera passa pela terra Yanomami, tudo sujo agora! Invasores está atrapalhando nosso conhecimento, nosso pensamento. **Denunciou garimpo em abril... o governo brasileiro não quer tirar**, em 1992 tirou, mas agora não... garimpeiro está sem terra para plantar... **Cansado de ver que direito permite entrada de garimpeiro na nossa terra.** (Kopenawa, 10/11/2017, transcrição minha).

Se você tem cada dia somente 23 horas, 56 minutos e 4 segundos, o seu crédito para chegar às 24 horas acontece no final de fevereiro, em anos bissextos... Pense que esse ano de 2023 aconteceu depois de 823 anos com todos os dias da semana nas 4 semanas do calendário (isso é *MiracleIn*), tempo suficiente para fazermos com que a Ressurreição de Cristo chegue a todos os povos, mas principalmente em toda a Criação. Mais explicitamente, não podemos ficar descansados porque não fomos nós que pegamos dinheiro do governo para atender os Yanomamis e o usamos de forma escandalosa. Ou seja, se não pecamos com atos inescrupulosos, o pecado da omissão também existe e não podemos descansar enquanto um irmão nosso passa fome, isso está no carisma das Congregações Religiosas que são fundadas porque seus inspiradores tinham o mandamento de Cristo no coração.

E mais, a omissão quanto à natureza devastada também deve ser considerada: o que nós celebramos nos tempos atuais que são também pascais, a destruição da natureza?

¹⁰ Um novo mandamento vos dou: Que vos ameis uns aos outros como eu vos amei (João 13:34).

Chegamos a 8 bilhões de pessoas no ano que passou e 106 bilhões de pessoas já existiram na face do planeta Terra, nossa casa comum. Em 2050 vamos chegar a 9,2 bilhões, por isso temos o compromisso como consagrados a viver de forma simples (voto de pobreza), mas também castos, sem se misturar com a tentação da vida fácil e esbanjada, mas principalmente obedientes ao que o Papa Francisco indicou na *Laudato Sí*, ou seja, plantar um jardim em vez de um garimpo ilegal!

Nossa vida vale mais que o carro, celular... nossa vida é valioso! Olhar longe, enxergar com ética, **aprendemos cheirando sabedoria de árvore, conhecimento, como Criador plantou a terra bonito, bem feito. Omama é criador dos Yanomami. Macunaima** vocês conhecem, nós conhece *Omama*. (Kopenawa, 10/11/2017, transcrição minha).

Para nos inquietar ficam algumas perguntas: Carregamos dentro de nós preconceitos ou idealizações em relação aos indígenas, demais comunidades tradicionais e a nós mesmos? Quem engorda e quem emagrece no sistema capitalista que nós vivemos? As pessoas estão cansadas de trabalhar e não possuem ânimo para muitas coisas além do pão nosso de cada dia? A educação escolar que ofertamos mobiliza as crianças nos dias de hoje a serem ricas ou buscar em tudo amar e servir? É possível perceber os traços da interculturalidade no meu processo educativo? A inter-culturalidade religiosa na qual vivemos nos auxilia a *bem viver*?

Bibliografia

- BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*, Companhia das Letras, 1996.
- CIMI, *Relatório de Violência Contra os Povos Indígenas no Brasil – Dados de 2021*.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 10ª Ed. Rio de Janeiro. DP&A, 2005.
- LARAIA, Roque de Barros. *Cultura. Um Conceito Antropológico*. 6ª Edição. Jorge Zahar Editor. 1992.
- PACINI, Aloir. *Identidade étnica e Território Chiquitano na fronteira (Brasil – Bolívia)*. Tese de doutorado. 2012.
- PACINI, Aloir. *Kaimen. O bem-viver Wapichana*. **Tellus**, Campo Grande, MS, ano 19, n. 38, p. 181-211, jan./abr. 2019.
- PACINI, Aloir; LARA, Marina Garcia. *Revisitando a Missa da Terra sem Males em tempos do Papa Francisco*. [Revisiting the Terra sem Males' Mass in Pope Francis' times]. **Tellus**, Campo Grande, MS, ano 22, n. 47, p. 165-196, jan./abr. 2022.
- PACINI, Aloir; VILARDI, Gabriel. A contribuição jesuíta para o nascimento do CIMI no Mato Grosso. 04 Novembro 2022 <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/623591-a-contribuicao-jesuista-para-o-nascimento-do-cimi-no-mato-grosso>.